

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº680

5 a 19 de
Setembro de 2024

Ano 28

R\$2



(11) 9.4101-1917



opiniaosocialista



www.opiniaosocialista.com.br



@opsocialista



Portal do PSTU



@opiniaosocialista



BRASIL EM CHAMAS

Por que o agronegócio,
depois de ser responsável
pela enchentes no Sul,
está queimando o Brasil

Páginas 8 a 10

INTERNACIONAL

Greve Geral
amplia a crise
israelense

Páginas 14 e 15

ELEIÇÕES

Candidatos do PSTU defendem
derrotar os bilionários
capitalistas e o sistema

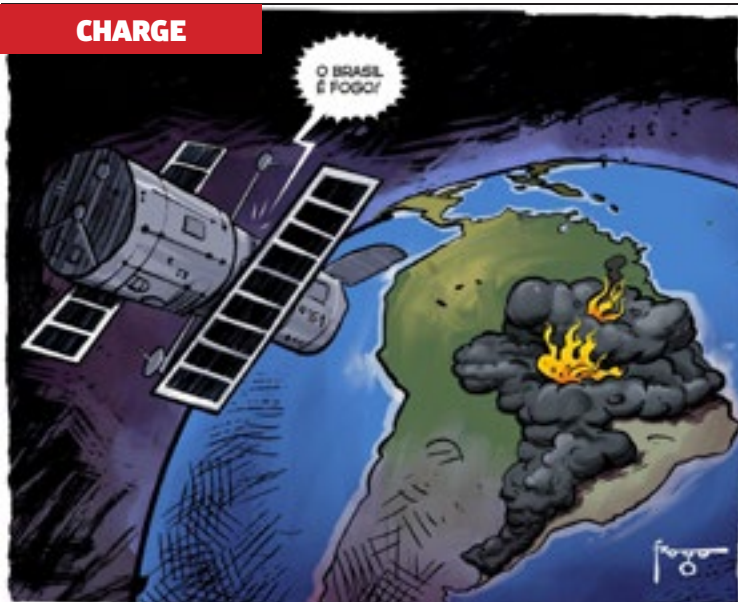
Páginas 4, 5, 6 e 7

MUSK X MORAES

A liberdade de expressão
entre o poder do capital e o
poder do Estado

Páginas 12 e 13

CHARGE



FALOU BESTEIRA

“É setembro e já cheira a Natal, e por isso, este ano, em homenagem ao povo combativo, em agradecimento a vocês, vou decretar o Natal para o dia 1º de outubro; chegou o Natal com paz, felicidade e segurança”



Nicolás Maduro, presidente-ditador da Venezuela, antecipando o Natal, em manobra para desviar as atenções para a fraude eleitoral.

SEMANA TROTSKY DE 20 A 27 DE AGOSTO
TODOS OS SEUS LIVROS COM 60% DE DESCONTO!



www.editorasundermann.com.br

(11) 98649-5443

OCUPAÇÃO

O novo sem teto do Senado

Sob a desculpa de que enfrenta dificuldades financeiras, o senador Marcos do Val (Podemos-ES) se mudou para o plenário do Senado. Na manhã do último dia 4, o parlamentar foi visto com uma mala no meio das bancadas do plenário. Havia, ainda, uma sacola plástica e uma pasta com itens do senador. O político bolsonarista ainda disse que passaria a “morar” nos espaços do Congresso Nacional. “Estou vindo aqui com minhas roupas e vou ter que morar no Senado. [...] Ficarei aqui no Congresso, porque eu não tenho outro lugar para ficar”, disse o deputado,



que foi de zero a R\$ 50 milhões na conta bancária depois que entrou na política. Mas quem achou que deputado picareta poderia manter a ocupação no latifúndio improdutivo que é o Congresso se enganou. Depois de ar-

mar o circo, o palhaço saiu de cena. Marcos do Val foi para um hotel em Brasília. O senador é investigado no inquérito sobre os atos golpistas de 8 de janeiro. Ou seja, o lugar certo para o senador pernoitar é na penitenciária.

FESTA DO TIGRINHO

Ministro do STF se esbalda em iate de R\$ 1 bi de Gustavo Lima, na Grécia



Kassio Nunes Marques, alçado ao Supremo Tribunal Federal por Jair Bolsonaro (PL), esteve curtindo as cristalinas águas do Mar Mediterrâneo, na Grécia, num iate de R\$ 1 bilhão, alugado pelo sertanejo Gustavo Lima. Era a comemoração do aniversário do artista bolsonarista, que ostentou pra valer, servindo

as dezenas de convidados com o caríssimo champanhe Veuve Clicquot. A assessoria de Nunes Marques disse que ele esteve em Roma para um compromisso acadêmico e, como estava por perto, passou para cumprimentar o cantor. Detalhe, Roma fica a quase 1.500 km de Mykonos, onde foi o festão. Para ir, o minis-

tro pegou carona no jato de um empresário Fernando Oliveira Lima, conhecido como Fernandin OIG, investigado por ter introduzido o “Jogo do Tigrinho” no Brasil e por outras falcatrúas com sites de apostas. Gustavo Lima é garoto propaganda de um desses sites. No último dia 4, operação da Polícia Federal resultou na apreensão de um jatinho (do cantor Gustavo Lima), carros de luxo e uma grande quantidade de dinheiro. A ação faz parte da Operação Integration, que investiga crimes relacionados às plataformas de apostas online. Numa reflexão sobre a vida, o cantor disse em um vídeo nas redes sociais: “Não seja escravo do dinheiro”.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Voto pelo “mal menor” perpetua o sistema e a ultradireita

O recente enfrentamento entre Elon Musk, Alexandre de Moraes e o Supremo Tribunal Federal (STF) é uma demonstração do poder absurdo dos bilionários capitalistas.

Um bilionário desafiou as leis e a Suprema Corte de outro país, expondo o poder do imperialismo norte-americano, e, mesmo sancionado, o Twitter segue operando no país, através do uso de VPNs (sigla, em inglês, para “rede privada virtual”, em referência a uma tecnologia que cria conexões “seguras” entre dispositivos, através da internet).

Proibir ou punir as pessoas pelo uso individual de VPNs seria um abuso autoritário, além de difícil execução. Então, fica demonstrado que a punição do Estado capitalista semicolonial brasileiro sobre a plataforma é facilmente burlável e inaplicável na prática. O episódio escancara, também, o perigo das grandes plataformas digitais serem negócios privados dominados pelos bilionários capitalistas.

As redes sociais deveriam ser estatizadas no mundo todo, sob o controle dos trabalhadores, para que fossem públicas e colocadas a serviço do livre debate de ideias. Não como são hoje: privadas, servindo ao lucro de um punhado de bilionários, manipuladas para divulgação de “fake news” e desinformação e manipuladas em defesa da ultradireita.

BILIONÁRIOS MANDAM NA INTERNET E NA VIDA REAL

A dominação dos bilionários capitalistas no mundo virtual, através da monopolização da Internet, também ocorre em cada país e cidade do mundo, com as grandes empresas controlando os recursos naturais, a produção industrial, o comércio, os serviços e o sistema financeiro. Isto permite que essas



Jair Bolsonaro e Pablo Marçal

grandes empresas suguem todas as riquezas produzidas pelos trabalhadores e trabalhadoras e transformem isso tudo no seu próprio lucro.

Nesta eleição, qualquer candidato que diga defender os trabalhadores e não fale nada sobre como as cidades atuais servem aos lucros das grandes empresas, só poderá estar mentindo.

Os problemas que se avolumam nos transportes têm a ver com as máfias empresárias que o controlam. Não há casa para todo mundo por conta do papel das construtoras e da especulação imobiliária. O saneamento é insuficiente porque é um balcão de negócios.

CIDADES ESTÃO EMARANHADAS NAS REDES E TEIAS DO CAPITALISMO

Tudo isso vai se ligando, por milhões de fios, e formando uma teia que alimenta os lucros dos grandes bilionários capitalistas, os banqueiros, os monopólios brasileiros e internacionais. Sem falar nas isenções e todo tipo de benefício garantido pelas três esferas de governo aos grandes capitalistas.

No capitalismo, o Estado e seus agentes, incluídos, aí,

o Judiciário, o Legislativo e os governos em todos os níveis municipais, estaduais e nacional, servem a este sistema, que é uma teia de exploração que retira riqueza do povo pobre e trabalhador e entrega para os grandes grupos capitalistas.

Seja através do domínio econômico direto pelas empresas, seja através dos impostos que, em sua maioria, quem paga são os trabalhadores, com os bilionários pagando pouquíssimo. E mesmo esse pouco volta para os bilionários e suas empresas via isenções e toda sorte de benefícios fiscais.

ALIMENTANDO O MONSTRO CAPITALISTA

Pablo Marçal (PRTB) e Ricardo Nunes (MDB), em São Paulo; Bruno Engler (PL), em Belo Horizonte, ou Ramagem (PL), no Rio de Janeiro, para ficar só nas três maiores cidades, são os representantes da ultradireita bolsonarista. Gostam de se fingir de antissistema, mas que, na verdade, defendem que o sistema ferre ainda mais o trabalhador, com um projeto autoritário, privatista, de acabar com qualquer concessão e garantir os in-

teresses dos grandes grupos capitalistas.

Mauro Tramonte (Republicanos), em Belo Horizonte, assim como Eduardo Paes (PSD), no Rio de Janeiro, ao passo que não contam com o apoio oficial do bolsonarismo, colocaram bolsonaristas em suas chapas. Isso mostra como a direita tradicional liberal consegue conviver pacificamente com a ultradireita e, também, é um dos responsáveis pelo fortalecimento desse monstro capitalista.

Essa ultradireita bolsonarista, presente em todas essas chapas, em graus diferentes, precisa ser enfrentada e derrotada de uma vez por todas pelos trabalhadores.

O problema é que as chapas apoiadas pelo PT, que se dizem contra o bolsonarismo (...e é bom lembrar que em 85 cidades o PT está apoiando a direita diretamente), reproduzem, nas eleições municipais, o mesmo projeto aplicado por Lula no Governo Federal.

Estamos falando do governo responsável pelo Arcabouço Fiscal e todo um projeto econômico que, ainda que diferente do bolsonarismo, segue aprofundando o capitalismo no Brasil.

Não à toa, mesmo agora, quando o Produto Interno Bruto (PIB) cresce acima do previsto pelo mercado, o maior beneficiado é o próprio mercado capitalista. Não à toa, 22 empresas listadas na Bolsa tiveram lucro superior a R\$ 1 bilhão cada, só no segundo trimestre deste ano.

Um programa deste tipo, nas cidades brasileiras, não ajuda nem a atender as necessidades dos trabalhadores e tampouco é capaz de enfrentar a ultradireita a sério. Pelo contrário, mantém e alimenta um sistema que produz Bolsonaros e Marçais.

VERDADEIRO VOTO ÚTIL É NO 16

Se você está consciente de que os trabalhadores precisam de um programa que derrote os bilionários capitalistas e bata de frente com o sistema capitalista, e entende que este é o único caminho para derrotar a ultradireita bolsonarista de fato, você deve apoiar as candidaturas revolucionárias e socialistas do PSTU.

Apesar da polarização e dos perigos das várias faces do sistema capitalista na eleição, neste primeiro turno, não defina seu voto escolhendo o “mal menor” ou pensando apenas num suposto “voto útil”. Isto gera um ciclo vicioso meio infernal para os trabalhadores. Desde o fim da ditadura, de “mal menor” em “mal menor”, assistimos o retorno triunfal de uma corrente de ultradireita, pró-ditadura militar.

Vote no candidato/candidata e no programa que melhor representa o que você defende para sua cidade e para o Brasil. A única saída para romper esta espiral degenerada do capitalismo é fortalecer uma alternativa de independência de classe e socialista, que corresponda às necessidades dos trabalhadores contra esse sistema dominado pelos bilionários capitalistas.

PERNAMBUCO

A Recife que o prefeito tiktoker não mostra

ROBERTO AGUIAR,
DA REDAÇÃO

Em Recife, a candidatura da professora Simone Fontana à prefeitura e de nossos vereadores tem marcado presença nas ruas da cidade. Desde o início da campanha, a militância do PSTU tem se dedicado intensamente a dialogar com a população, promovendo panfletagens em portas de escolas, nos bairros e nas Universidades.

“É um importante momento para dialogar com os estudantes e professores que acabaram de realizar uma enorme greve nacional”, avalia Caio Marx, do Rebeldia e candidato à vereador. Essas ações têm sido fundamentais para levar as propostas de uma cidade que seja feita



para os trabalhadores e oprimidos, não para um punhado de ricos.

Além das panfletagens, a militância tem percorrido bairros periféricos de Recife, como Brasília Teimosa, Jiquiá

e Roda de Fogo, para conversar diretamente com os moradores da periferia de Recife. Cada um desses bairros tem suas peculiaridades, mas uma coisa é certa: a vida real não é como a que aparece nas pro-

pagandas do atual prefeito e candidato à reeleição.

“No começo o povo fica meio desconfiado com mais um candidato. Mas quando falamos que é para acabar com o privilégio dos ricos, a coisa muda”, diz Valéria Félix, profissional da saúde e candidata a vereadora pelo PSTU.

CONTATO DIRETO COM O POVO

É nesse contato direto com o povo que a campanha de partido se fortalece, reforçando o compromisso de construir uma outra cidade justa, onde a moradia digna, a educação de qualidade, o transporte público eficiente e a saúde acessível sejam direitos garantidos a todos, e não privilégios para poucos.

O atual prefeito João Campos (PSB) é famoso nas re-

des sociais e tem uma enorme aprovação. Apesar disso, e o que a sua campanha não mostra, é que os problemas da cidade continuam aí. Não há vídeo no TikTok que esconda a dura realidade das moradias precárias e do desemprego avassalador em Recife. Continuar governando para os banqueiros e bilionários, como quer a oposição, não vai ser a saída para a classe trabalhadora.

“Não temos tempo de TV e não aceitamos conchavos em troca de favores. Mas estamos todos os dias nas ruas, nos locais de trabalho e nas periferias. É assim que vamos chamar a população a debater um projeto de cidade para os trabalhadores e não para os bilionários”, pontua Simone.

MARANHÃO

Com muita animação, campanha do PSTU ocupa as ruas

O partido também chama o voto no SIM no plebiscito pelo passe-livre



A militância do PSTU tem realizado uma campanha animada, pra cima, com muita alegria em São Luís. Com atividades nas ruas da capital maranhenses, nas praças, terminais de ônibus, bairros po-

pulares, escolas e universidades, o programa socialista e revolucionário defendidos por nossas candidaturas vem ganhando cada vez mais espaço. Essa batalha também vem sendo travada nas redes sociais, já

que não temos tempo de televisão e rádio e ainda sofremos o boicote da grande mídia.

Saulo Arcangeli, candidato a prefeito, e sua vice Jaciara Castro, tornaram-se os porta-vozes das lutas em defesa do transporte público, pela não privatização da Companhia de Abastecimento e Saneamento do Maranhão (Caema) e em defesa dos Conselhos Populares.

PLEBISCITO: SIM PELO PASSE LIVRE ESTUDANTIL!

Em São Luís, junto com a votação para prefeito e vereador, a população vai decidir sobre o passe livre para estudantes dos ensinos fundamental, médio, técnico, profissionalizante, pré-vestibulares, superior, educação de jovens e adultos, faculdades teológicas e seminários.

A votação é obrigatória. A votação na urna só encerra após

a votação na consulta popular, que terá a seguinte pergunta: “Você concorda com a implementação do passe livre estudantil em São Luís?”. Quem for a favor, vota 1. Contrário, vota 2.

“O PSTU compõe a frente pelo sim, estamos chamando a população a votar 1. Integramos a Comissão de Mobilização, com eixo e atuação no Quilombo Liberdade, junto com a juventude do Coletivo Rebeldia. Essa defesa está em nossos materiais de campanha, pontuamos sempre nas entrevistas que estamos participando”, diz Saulo Arcangeli.

“Avaliamos que a consulta popular é um passo importante. Sabemos que depois terá todo um processo de debate sobre a regulamentação na Câmara Municipal, desde já, estamos na defesa da implementação e regulamentação

do passe livre estudantil. Como pontuamos em nosso programa, defendemos também o passe livre para os desempregados”, completa.

O candidato a prefeito da capital maranhense pelo PSTU ressalta que essa luta tem que ser acompanhada pela defesa da tarifa zero: “Hoje, 30% da população de São Luís não utiliza o transporte público por não ter dinheiro para pagar a passagem. Por isso, defendemos a tarifa zero, junto com a criação de uma empresa pública de transporte, com frota e funcionários próprios, deixando assim de repassar milhões para grandes empresas capitalistas que ofertam um serviço de péssima qualidade à população, já que elas estão preocupadas em lucrar e não garantir um direito básico aos moradores da cidade”.

AMAZONAS

PSTU tem a única candidatura com independência de classe em Manaus

ROBERTO AGUIAR
DA REDAÇÃO

A cidade de Manaus tem o 5º maior Produto Interno Bruto (PIB) entre as capitais brasileiras, mas é uma cidade extremamente desigual, com a riqueza concentrada nas mãos de poucos e a pobreza socializada dentre milhões, ocupando o 4º lugar no ranking de desigualdade social no Brasil, segundo o “Mapa da Desigualdade”.

A capital do Amazonas sempre foi governada pela burguesia herdeira de velhas oligarquias. Tanto o PT como o PCdoB sempre capitularam à burguesia manauara. Marcelo Ramos, candidato a prefeito pelo PT, já foi deputado pelo PL, o mesmo partido de Bolsonaro, e presidiu a Comissão da contrarreforma da Previdência do governo Temer (MDB). O PSOL, ainda na pré-campanha, passou de ma-

las e bagagens, sem nenhuma discussão programática, para o lado do PT.

ENFRENTAR A DIREITA BOLSONARISTA

A candidatura do PSTU, com o professor Gilberto Vasconcelos para prefeito e Damiana Amorim, dirigente do Luta Popular, a vice, é única com independência e que se enfrenta pra valer com as candidaturas bolsonaristas que lideram as pesquisas.

As candidaturas do PSTU apresentam um programa com independência de classe, que se enfrenta com a burguesia manauara, com a opressão e exploração capitalistas, em defesa da classe trabalhadora.

Por isso mesmo, tem se tornando um ponto de referência para outros setores da esquerda revolucionária. O PCB-R, depois de uma rodada de discussões, se posicionou em defesa de um programa socia-

lista e revolucionário, representado pela chapa do PSTU.

CANDIDATURAS COM A CARA DA CLASSE TRABALHADORA

O PSTU lançou Antônio Neto, professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), e Auxiliadora Castro, dirigente do Luta Popular, militantes históricos do partido, para disputarem uma vaga na Câmara Municipal.

A chapa Gilberto e Damiana à prefeitura também é única negra nessa eleição, numa cidade onde 77,1% da população é preta e parda, de acordo com os critérios do IBGE.

ROMPER O PODER!

O debate organizado pela TV Norte mostrou que as candidaturas da ordem são incapazes de discutir seriamente os problemas da cidade. Gilberto foi o único a apresentar um programa que aponta medidas concretas, que vão



Antônio Neto, candidato a prefeitura de Manaus pelo PSTU

à raiz dos problemas, mostrando que os trabalhadores e o povo têm uma alternativa socialista e revolucionária nas eleições.

Ele fez o chamado à cons-

trução dessa alternativa aos trabalhadores e defendeu a necessidade de se fazer uma revolução social, que rompa com a lógica capitalista, onde o lucro vale mais que a vida.

PARÁ

Em Belém, candidatura da Well expressa a luta da periferia e da classe operária



Well, ao centro, candidata a prefeitura de Belém pelo PSTU.

Desde o primeiro dia de campanha, a militância do PSTU em Belém tem ido às ruas e aos canteiros de obras da construção civil para apresentar a candidatura à prefeita de Wellingtona Macedo, a Well,

uma mulher trabalhadora, negra, moradora da periferia e mãe solo.

No dia 16 de agosto, a campanha iniciou em um canteiro de obras da reforma do Mercado de São Brás, ao

lado das operárias e operários da construção civil, categoria na qual o PSTU tem um trabalho histórico. Seu Alex, diretor licenciado do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, é candidato a vereador. Socorro Gomes, trabalhadora da Educação, também concorre a uma vaga à Câmara Municipal.

“Nesses 20 dias de campanha, temos feito panfletagens e conversas com operários nos canteiros de obras, participado de atividades dos movimentos sindicais e sociais, dialogado com ativistas, participado de atividades culturais ao lado de artistas que apoiam nossa chapa em bairros periféricos e nos preparando para lançar comitês da campanha em bairros populares, como o Guamá”, disse Well.

A CAMPANHA CRESCE

“Nossa campanha cresce e fica cada vez mais conhecida, ganhando a simpatia de muita gente, principalmente das mulheres negras pobres da classe trabalhadora, operários e ativistas”, completa.

Quanto à grande mídia, existe uma batalha para romper com bloqueio imposto pelos principais veículos, explica Well: “a agenda de campanha vem sendo divulgada, já participamos de entrevistas nas rádios e nas principais emissoras de TV, assim como para entrevistas em portais e canais nas redes sociais. No final de setembro, vamos participar de um debate com os dois candidatos que pontuam 1% nas pesquisas, já que a grande mídia não nos convida para os principais de-

bates. Esse bloqueio precisa ser quebrado para garantir que a população conheça nossas propostas”.

Nas últimas pesquisas, Well tem aparecido bem, principalmente na espontânea. Em uma delas, apareceu tecnicamente empatada com o Delegado Eguchi, candidato do PRTB, que, em 2020, foi derrotado pelo atual prefeito Edmilson Rodrigues (PSOL). Eguchi é um dos representantes da extrema direita bolsonarista.

Edmilson Rodrigues governou para os ricos e o grande empresariado. Por isso, possui um alto índice de rejeição e não deva ir ao segundo turno. Os trabalhadores e o povo pobre de Belém têm uma alternativa socialista e revolucionária nestas eleições: as candidaturas do PSTU.

CONTAGEM (MG)

Uma eleição reveladora para a população



**GERALDO ARAÚJO 'BATATA',
DE CONTAGEM (MG)**

No processo eleitoral em Contagem (MG), o PT reproduz, em nível municipal, uma frente tão ampla, incluindo 16 partidos, que vão desde o Republicanos (partido de Tarcísio de Freitas, de São Paulo), o União Brasil, o PP (de Lira), Cidadania, PDT, PSB, PSDB (partido de Aécio Neves), PSD (de Rodrigo Pacheco) até o...PSOL.

Nas pesquisas eleitorais, a candidata do PT, Marília Campos, atual prefeita, e sua coligação aparecem em primeiro lugar, com 74% das intenções de voto. A candidatura da extrema-direita, representada pelo deputado federal Cabo Júnio

Amaral, conhecido por apoiar o PL 1904/24 (o chamado "PL do Estupro"), ocupa a segunda posição. Em terceiro lugar, estão empatados o candidato do PSTU, professor Gustavo Olímpio, e Dulce, do PMB.

Marília Campos voltou ao poder após vencer as eleições de 2020 contra o candidato bolsonarista Felipe Saliba, por uma margem de apenas 7.781 votos. Saliba retirou sua candidatura no pleito atual por não conseguir aglutinar os partidos de direita.

O QUE SIGNIFICA ESSA FRENTE AMPLÍSSIMA?

A Frente Ampla em Contagem reflete o processo de decadência que pelo qual o município passa. No passado, a cidade foi um polo de alta tecnologia, com pro-

dução de chips, computadores e equipamentos eletroeletrônicos.

A SID, indústria de semicondutores, dominava todas as etapas de produção de chips, tecnologia que poucas empresas no mundo possuíam, empregava 3 mil trabalhadores especializados. No setor de computadores, havia a ABC Computadores, enquanto na indústria eletroeletrônica existia a RCA.

Além disso, Contagem foi um centro de excelência na produção de bens de capital, com a fabricação de máquinas, equipamentos e vagões ferroviários, empregando milhares de trabalhadores altamente qualificados.

Gradativamente, a economia se voltou para serviços, a logística e a especulação imo-



Gustavo Olímpio, candidato a prefeitura de Contagem pelo PSTU.

biliária. Embora o setor industrial ainda tenha peso na economia, Contagem perdeu décadas de desenvolvimento tecnológico e tornou-se dependente do capital externo.

UMA CIDADE ALTAMENTE DESIGUAL

Nesse período, a desigualdade social aumentou consideravelmente. Atualmente, Contagem é o terceiro maior PIB do estado (R\$ 36 bilhões), com um PIB per capita de cerca de R\$ 54 mil.

No entanto, segundo a Fundação João Pinheiro, 38.500 famílias vivem em situação de pobreza ou extrema pobreza, representando 25% da população. Uma família extremamente pobre, por exemplo, sobrevive com apenas R\$ 356,00 mensais para sustentar quatro pessoas. Em termos de média salarial, a cidade ocupa a 58ª posição no estado, com uma média de 2,2 salários mínimos.

LONGA LISTA DE ATAQUES

Especulação imobiliária e Rodoanel ameaçam nosso futuro

Nos últimos anos, as grandes construtoras voltaram seus investimentos para as cidades da Grande Belo Horizonte. Torres gigantescas e grandes empreendimentos imobiliários geram enormes lucros. Muitas vezes localizados próximos a córregos e nascentes. E a atual gestão do PT é a principal incentivadora. As consequências são visíveis: o inchaço populacional desenfreado, trânsito caótico, além de serviços de Saúde e Educação insuficientes.

Essa situação será agravada pela implementação do Rodoanel. Segundo Valdir Pontes e

Luzia Novais, da Comissão Nascentes: "essa rodovia, fruto do acordo entre o governo Zema e a Vale, pelos crimes de Brumadinho, cortará 70 km de áreas urbanas e rurais, passando por cima de comunidades, quilombos, nascentes e córregos que abastecem Várzea das Flores. Isso levará a crise hídrica em toda a Grande BH."

AUMENTO DE IMPOSTOS SOBRE A POPULAÇÃO

Historicamente, Contagem teve uma alta arrecadação, graças à presença de grandes indústrias que pagavam impos-

tos suficientes para que não houvesse cobrança do IPTU residencial. A burguesia local, que sempre contou com incentivos fiscais, terrenos para se instalar na cidade, também sempre buscou acabar com essa enorme conquista.

Ao final do governo Carlin Moura (2016), do PCdoB, a Câmara de Vereadores aprovou, com apoio do PT, e na calada da noite, o fim da isenção do IPTU residencial, elevando a arrecadação em 40%.

Mas, não significou melhorias nos serviços públicos. Na Saúde, por exemplo,



a maioria dos servidores é formada por terceirizados, com contratos precários. Os trabalhadores da Educação lutam pelo pagamento do piso salarial e fizeram uma grande greve no início des-

te ano, para conseguir uma reunião de negociação.

As passagens de ônibus em Contagem estão dentre as mais caras do país, custando R\$ 6,00 internamente, com serviços de péssima qualidade.

POR UM FUTURO COMUNISTA

Construindo uma alternativa socialista e revolucionária

O PSTU apresenta, nestas eleições, candidaturas socialistas e revolucionárias como alternativa às velhas oligarquias, aos bilionários, à especulação imobiliária, aos ataques ao meio ambiente e aos serviços públicos. Todos estes ataques encampados pela atual gestão do PT e

pelos 16 partidos da coligação.

Sabemos que muitos ativistas honestos estão apreensivos quanto ao risco da extrema-direita bolsonarista. No entanto, alertamos sobre o perigo real de aliar-se às oligarquias e aos partidos da velha direita, liderados por Lira, Aécio Neves e Pacheco.

Para o PSTU, não se combate a extrema direita confiando naqueles que atacam nossos direitos e que, até ontem, estavam aliados a Bolsonaro.

Nosso programa para a cidade é focado em apoiar os movimentos que lutam pela defesa de Várzea das Flores, contra o Rodoanel,

por melhorias nos serviços públicos, da educação, da saúde, dos transportes, nas lutas antirracistas, LGBTQ+ e contra o machismo.

Nossos candidatos são Gustavo Olímpio, para prefeito, e Geraldo Araújo (Batata), vice, que juntamente com a professora Jacqueline Assis e o meta-

lúrgico Israel Pinheiro (vereadores) apresentam um programa voltado para o futuro de nossa cidade, um futuro socialista onde os trabalhadores, junto com os oprimidos e a juventude, possam decidir onde alocar os recursos da cidade por meio de Conselhos Populares.

SÃO PAULO

Construir uma alternativa socialista contra a extrema direita e a conciliação de classes



PSTU SP

A eleição em São Paulo começou parecendo um terceiro turno de 2022: uma polarização entre a direita bolsonarista e uma alternativa de conciliação de classes, apoiada por Lula.

Diferente de 2022, o desenvolvimento do próprio bolsonarismo levou a que esse campo não tenha uma alternativa unificada, contando com duas candidaturas. A do prefeito Ricardo Nunes (MDB) e do coach-empresário Pablo Marçal (PRTB). As últimas pesquisas apontam um empate entre Guilherme Boulos (PSOL), Marçal e Nunes.

Está em jogo o futuro da cidade, mas também uma forte disputa ideológica pela consciência do povo trabalhador sobre que tipo de projeto de sociedade pode lhe beneficiar.

EXTREMA-DIREITA: UMA ALTERNATIVA REACIONÁRIA DIANTE DA CRISE CAPITALISTA

Nunes sai de um mandato apagado, mas repleto de ataques contra os trabalhadores e o povo pobre. Se apoiou em um orçamento recorde da prefeitura, no apoio de Bolsonaro e do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) para subir nas intenções de votos, mas não tem força, e nem carisma, para se tornar uma al-

ternativa que unifique a direita tradicional e bolsonarista.

Marçal conseguiu capturar parte da base e da direção do bolsonarismo para sua candidatura, assumindo um perfil semelhante ao de Bolsonaro em 2018 e de outras alternativas de extrema direita, como Trump (EUA) e Milei (Argentina), se apresentando como “contra o sistema”,

Contra qual sistema seria Marçal? O capitalismo com certeza que não é. Marçal é um grande empresário, dono de vários negócios e de um patrimônio milionário. Ele tem processos na justiça por maus tratos a seus funcionários e por golpes contra idosos, recebe grandes doações de lati-



fundiários e apoio, ainda que velado, de figuras como Bolsonaro. Não tem nada de antissistema. Ao contrário, é a face mais podre de um sistema em decadência e crise.

Em seu programa ultraliberal, defende privatizar geral os serviços públicos e res-

ponsabiliza os próprios trabalhadores pelos problemas da sociedade, assegurando que, com “esforço individual” e empreendedorismo, todos podem se tornar milionários.

Assim como fez Bolsonaro, adota uma pauta reacionária em questão de costumes, que amplia a opressão sobre mulheres, negros, LGBTI+, imigrantes etc., apontando como inimigos um setor da nossa própria classe, ao invés de mirar para onde eles de fato estão: na burguesia.

Pablo Marçal e a extrema direita não são a superação desse sistema, são a sua afirmação mais violenta e reacionária. Os trabalhadores não têm nada a ganhar com eles.

ESQUERDA CAPITALISTA

Defensora da democracia dos capitalistas e dos interesses dos ricos

Enquanto a direita se radicaliza, Boulos, o PT e o PSOL se tornam ainda mais defensores dessa desta democracia dos ricos em crise e dos interesses da burguesia. Sua candidatura não é uma alternativa para resolver os problemas sociais da cidade de São Paulo, nem tampouco conseguirá enterrar a extrema direita.

O programa de Boulos assume um compromisso com a governabilidade capitalista, abandona pautas dos movimentos

sociais e faz acenos aos setores conservadores e aos grandes empresários. Em seu plano de governo, com 119 propostas, não cita uma única vez a palavra privatização. Isso é assim porque o psolista defende manter a privatização da Saúde e da Educação, por exemplo.

Em uma cidade em que 84% das crianças em creches públicas estão na rede conveniada e 69% do orçamento da Saúde vai para serviços privatizados, muitas vezes utiliza-

dos como fonte de corrupção e sempre com qualidade bastante questionável, isso é uma postura criminoso.

DIGA-ME COM QUEM ANDAS...

Para se tornar viável eleitoralmente, Boulos chegou a se juntar com figuras que vieram do bolsonarismo, como o senador Giordano e a sua própria vice, Marta Suplicy, que, até poucos dias antes de assumir o lugar na sua campanha, era Secretária de Assuntos Inter-

nacionais de Ricardo Nunes.

Boulos chegou a incorporar como parte de sua equipe de programa para a Segurança Pública um ex-comandante da Rota, o Batalhão de Choque da PM, conhecido pela violência e opressão contra a juventude negra da periferia.

Enquanto a esquerda social liberal que se mantém nos estritos limites do sistema capitalista, liderada por Boulos, se torna defensora fiel dessa democracia a serviço dos ri-



cos, a extrema direita apresenta um discurso radical, de tipo reacionário, que captura o justo rechaço de um setor dos trabalhadores com esse sistema podre que nada pode nos oferecer.

CONTRA O SISTEMA

PSTU defende verdadeira alternativa antissistema diante do capitalismo

O PSTU se apresenta nessas eleições com um programa que defende tirar dinheiro e poder dos bilionários capitalistas, para garantir direitos básicos para a população trabalhadora.

Por isso, apresentamos a

candidatura do metroviário e sindicalista Altino à prefeitura de São Paulo, tendo a Silvana, uma mulher negra e lésbica, lutadora do movimento de moradia, como vice.

Nossa campanha visa enfrentar a extrema direita nas

ruas e com um programa radical, de tipo socialista, nas eleições; ao mesmo tempo que somos oposição de esquerda ao governo Lula, que tira dinheiro da Saúde e da Educação para garantir dinheiro para os banqueiros e latifundiários.



Altino Prazeres o candidato do PSTU em São Paulo

Foto: Maita Mendes

PAÍS EM CHAMAS

Por que o Brasil está queimando?

JEFFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

O Brasil está ardendo em chamas. Queimadas se espalharam por quase todo o território nacional, sobretudo na região da Amazônia. Geralmente, a temporada de incêndios na região ocorre entre junho e outubro, mas fazendeiros, garimpeiros e grileiros derrubam a floresta e se preparam para queimá-la durante todo o ano.

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Amazônia registrou 65.667 focos de fogo entre janeiro e 1º setembro. O número representa um aumento de 104% quando comparado com o mesmo período do ano passado, quando 32.145 focos foram contados pelo Instituto. Aliás, mais de 38 focos de incêndio foram registrados apenas em agosto, segundo o Inpe.

As queimadas na Amazônia ocorreram em regiões de fronteiras agrícolas, como, por exemplo, nas margens das rodovias, como a BR-230 (a Transamazônica), particularmente no município de Apuí (AM) e na BR-163, entre Itaituba (PA) e Novo Progresso (PA).

Colunas de fumaça saindo da Amazônia viajaram milhares de quilômetros em direção ao Centro-Sul do Brasil. Elas foram levadas pelos mesmos ventos que formam os chamados “rios voadores”. Mas, ao invés de umidade, eles ar-



No dia 22/8 os incêndios tomaram todo o país, com destaque para SP

rastavam a fuligem produzida pelo avanço da fronteira agropecuária. Particularmente nos últimos dias, os rios de fumaça chegaram a cobrir cidades como Porto Alegre (RS), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF) e Belo Horizonte (MG).

CHAMAS NO PANTANAL E NO CERRADO

Este ano, o Pantanal e o Cerrado também registraram recordes de queimadas. Desde o ano passado, o Cerrado já vinha registrando

altas taxas de desmatamento; mas, desde o começo do ano, já foram contabilizados 40.496 focos no total. Um aumento de 70%, quando comparado com o mesmo período de 2023.

O relevo plano do Cerrado favorece a agricultura mecanizada. Por isso, mais da metade do bioma já foi destruído para dar lugar à produção de soja, milho, algodão ou ao plantio de eucaliptos.

Já o Pantanal sofre as consequências do arrendamento das terras para pecuaristas

ampliarem a criação de gado. Quem arrenda a terra busca tirar o maior proveito possível, para obter maior taxa de lucros, mesmo que isso signifique a exploração sem limites dos recursos naturais, substituindo a vegetação por lavoura ou pastagem.

Mais de 95% das terras do bioma são privadas e apenas 4,4% do Pantanal encontra-se protegido por terras públicas. Além disso, o Pantanal também sofre com a expansão territorial dos grandes cultivos de soja no seu entorno.

UM CENÁRIO APOCALÍPTICO EM SÃO PAULO

Na última semana de agosto, o interior de São Paulo foi envolvido em grandes incêndios, que ameaçaram cidades, condomínios, estradas e propriedades rurais. Um cenário apocalíptico de fumaça e fogo que carrega indícios de uma ação coordenada, bem ao estilo do “dia do fogo”, quando, em 10 e 11 de agosto de 2020, fazendeiros e grileiros tocaram fogo na Amazônia, inflamados pelos discursos de Bolsonaro.

Imagens mostram que as queimadas já começaram em grandes proporções territoriais; foram iniciadas praticamente ao mesmo tempo, em grande quantidade; e saíram totalmente do controle. Esse padrão de queimada é muito comum na queima da palha da cana-de-açúcar, uma prática arcaica e parcialmente proibida no estado, mas que é insistentemente usada por usineiros.

As imagens de satélite também mostram que os grandes incêndios tiveram como origem áreas onde o monocultivo da cana-de-açúcar predomina na ocupação do solo. A legislação de São Paulo sobre a queima da cana é totalmente frouxa. E isso tem um objetivo: permitir que os grandes usineiros continuem a colocar fogo nos canaviais. A queima reduz o custo da produção. É mais lucrativa para os usineiros.

AQUECIMENTO GLOBAL

O ‘novo normal’ das mudanças climáticas

Do Norte ao Sul, o Brasil já vive sob os efeitos dos fenômenos climáticos extremos (como chuvas torrenciais, secas e ondas de calor mais intensas) que são resultados do aquecimento global. Os efeitos são tão notáveis que 91% da população já perceberam as

mudanças, segundo uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Em maio, a catástrofe das enchentes atingiu o Rio Grande do Sul, causando o maior desastre climático do estado. Essa foi uma tragédia mais do que anunciada. Meteorologis-

tas e ambientalistas alertaram sobre os riscos de chuvas extremas no estado, mas foram ignorados, enquanto os governos municipais e estadual desmontaram leis de proteção do meio ambiente, para favorecer o agonegocio, as grandes capitalistas e a especulação imobiliária.

GOVERNOS DE TODAS AS ESFERAS SÃO AGENTES OU CÚMPLICES DA CATÁSTROFE

A situação foi extremamente agravada pelas políticas privatistas e de austeridade fiscal aplicadas pelos governos de todas as esferas. Todo o sistema de prevenção

de enchentes da capital Porto Alegre estava sucateado. Diques se romperam e as bombas d’água não funcionaram.

O governo Lula também tem sua responsabilidade. Além de investir uma mixaria em prevenção a desastres naturais, também aplica medidas

em favor do grande agronegócio, como veremos a seguir.

Agora, segundo o Centro Nacional de Monitoramento de Desastres Naturais (Cemaden), o país é castigado pelo que pode ser a maior seca da história recente (veja gráfico ao lado). A seca é ainda pior na região Norte. No Amazonas, mais de 300 mil pessoas sofrem com a estiagem. Os rios secaram, impossibilitando a navegação e isolando cidades inteiras.

AQUECIMENTO É PROVOCADO PELO CAPITALISMO

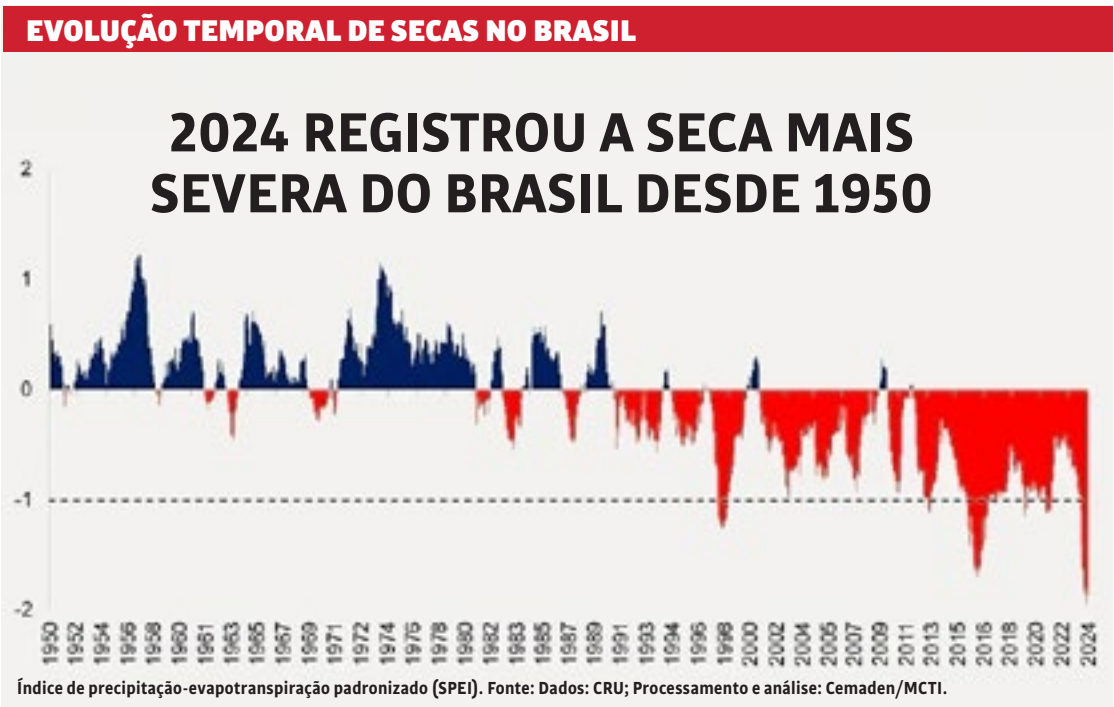
Essa situação mostra que as mudanças climáticas vieram pra ficar. O ano passado foi o mais quente já registrado em 125 mil anos. A temperatura dos oceanos também não para de subir e já ultrapassa todos os registros anteriores.

Além disso, os níveis de dióxido de carbono (CO2) na atmosfera, o principal gás do efeito estufa (GEE), são os maiores já registrados em 800 mil anos.

O aquecimento global é causado pela queima dos combustíveis fósseis (petróleo, gás e carvão), que lançam toneladas de gases de efeito estufa na atmosfera. Tudo isso é provocado pela indústria capitalista e seu voraz consumo de petróleo. Mais de 75% das emissões globais dos GEEs vêm da indústria, do transporte e das edificações.

VAI PIORAR AINDA MAIS

O aquecimento da Terra intensifica os fenômenos climáticos extremos, tal como o El Niño de 2023-2024, o mais intenso desde 1940. Isso disparou uma série de outros fenômenos extremos, como as chuvas do Rio Grande do Sul,



em maio, e a seca atual. E o pior é que a situação tende a piorar. O futuro será marcado por novas catástrofes produzi-

das por fenômenos extremos, cada vez mais intensos e cada vez mais frequentes.

A população mais pobre é a

maior vítima dos eventos climáticos extremos. Com um detalhe: essas populações são as que menos causaram esse problema.

A VERDADEIRA FACE DO AGRONEGÓCIO

O agro é fogo, morte e destruição



Imagem mostra que focos das queimadas na Amazônia tinham como origem propriedades rurais que ficam nas margens das estradas como a Transamazônica e a BR 319.

No Brasil, o maior responsável pelas emissões dos GEEs são a agricultura e a pecuária capitalistas e o desmatamento

que, juntos, são responsáveis por 75% das emissões do país. O Pará e o Mato Grosso são os estados que lideram o ranking

das emissões. São aqueles que justamente registram maior desmatamento e aumento da pecuária e da plantação de

monocultivos, como a soja.

Nas imagens de satélites, é fácil identificar as áreas que ardem em chamas com a expansão da fronteira agrícola do agronegócio. Nessas regiões predominam as terras devolutas; ou seja, terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que são alvo da apropriação privada ilegal, por parte de fazendeiros e especuladores de terras.

O FOGO COMO ARMA, A “LEI” E OS GOVERNOS COMO ESCUDOS

O fogo é um instrumento para o roubo dessas terras. Primeiro vem o desmatamento e a extração de madeira, seguidos pelos incêndios. Depois, vêm o capim, o boi ou algum monocultivo, como a soja. Na sequência, vem o perdão aos fazendeiros, concedido pelos governos de plantão, por meio da regularização fundiária da área roubada.

Isso foi realizado pelos governos FHC, Lula, Dilma, Temer e Bolsonaro. E só fez aumentar o apetite dos ladrões de terras, sempre premiados

por seus crimes. Além disso, propositalmente, os governos de plantão mantêm uma regulação frouxa do mercado de terras, deixando de fora do controle público as “terras devolutas”, mas também se recusando a fiscalizar se as propriedades rurais possuem ou não a “função social”, tal como prevê a Constituição. Assim, as terras roubadas acabam sendo autodeclaradas como produtivas.

Parques Nacionais, Reservas Ecológicas ou Extrativistas, assim como Terras Indígenas (todas terras públicas) também são invadidas pelo avanço da fronteira do agronegócio, dos madeiros e dos garimpeiros. O trabalho foi facilitado pela falta de agentes de fiscalização ambiental e sucateamento de órgãos como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai).

POLÍTICA ECONOMIA DA RUÍNA

Destruição ambiental é provocada pela agricultura capitalista

A destruição ambiental no Brasil e as emissões de GEE têm relação direta com o atual modelo econômico, baseado na exportação de produtos primários, agrícolas ou minerais.

Quem banca o agronegócio são os governos, através dos cofres públicos. Ano passado, o governo Lula destinou R\$ 360 bilhões ao agro, por meio do Plano Safra. Este ano, anunciou mais R\$ 400 bilhões ao setor, quebrando todos os recordes. Esse financiamento garante a expansão do agro sobre as cinzas da Amazônia, do Cerrado e outros biomas.

O governo financia a expansão desse modelo de agri-

cultura para que o setor produza superavit na balança comercial; ou seja, os dólares que entram no país através das exportações, para que, assim, possa remunerar o sistema financeiro com o pagamento da dívida pública. Essa história começou com o governo de FHC que passou a despejar dinheiro público no agro depois da crise cambial de 1998.

Em outras palavras, a expansão do setor e a destruição dos nossos biomas estão totalmente conectadas com o capital financeiro. Quem ganha são os especuladores, os grandes bancos e alguns representantes do agro.

“A EXPANSÃO TERRITORIAL DESSE MODELO DE AGRICULTURA NÃO PODE PARAR. ISSO PORQUE A REDUÇÃO DOS PREÇOS DE PRODUÇÃO DO SETOR DEPENDE DA ABERTURA PERMANENTE DE NOVAS TERRAS, MESMO AS MENOS FÉRTEIS, PARA, ASSIM, OBTEREM UMA TAXA CADA VEZ MAIOR DA RENDA FUNDIÁRIA.”



Draga de garimpo no meio de um afluente totalmente seco do rio Tapajós

NA AGRICULTURA CAPITALISTA, O LUCRO BROTA E FLORESCE DA DESTRUIÇÃO

Além disso, a expansão territorial desse modelo de agricultura não pode parar. Isso porque a redução dos preços de produção do setor depende da abertura permanente de novas terras, mesmo as menos férteis, para, assim, obterem uma taxa cada vez maior da renda fundiária.

Por isso, na agricultura brasileira a tendência dos grandes proprietários é controlar, cada vez mais, as melhores terras e adquirir maiores quantidades de rendas. Mas, por outro lado, também buscar, por meio de pressões sobre o Estado, a incorporação de novas áreas na produção, a garantia do rebaixamento do preço de produção geral, que se converte em aumento

da renda dos detentores dos melhores solos.

Por tudo isso, esse modelo de agricultura capitalista acelerou, em uma escala inédita, a destruição ambiental no país. Em um curtíssimo período, de 1985 até 2023, o Brasil perdeu mais de 110 milhões de hectares em áreas naturais, segundo dados do MapBiomas. Isso é quase a metade do que o país perdeu entre 1.500 até os dias de hoje.

PROGRAMA

Medidas para enfrentar a emergência climática



O AGRO É FOGO!

Os capitalistas do agronegócio destroem o meio ambiente no país, promovem as queimadas e são os maiores emissores dos Gases de Efeito Estufa. Basta de permissividade como agronegócio. Expropriação, sem indenização, do agronegócio. O confisco das terras do setor deve servir para a recomposição dos

sistemas ecológicos e os biomas degradados. É preciso introduzir um novo modelo de agricultura, ecologicamente equilibrada (agroecologia ou agricultura sintrópica; ou seja, que considere a integração com a natureza e sua preservação) que, de fato, produza alimentos para a população e não monocultivos para exportação.

POR UMA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA CONTROLADA PELOS TRABALHADORES!

Pela redução das emissões de gases com efeito de estufa e pelo fim dos combustíveis fósseis!

O clima da Terra está chegando perigosamente ao ponto de não retorno. A única saída é a transição para fontes de energia limpa. Por um plano de transição energética emergencial, elaborado e controlado pelos trabalhadores e trabalhadoras, para desenvolver as energias renováveis. Um plano que parta da nacionalização dos recursos energéticos e das empresas de energia, como a Petrobras e a Eletrobrás, sob controle dos trabalhadores, e que receba investimentos pú-

blicos em tecnologias e processos que viabilizem uma transição para fontes de energia limpa. Contra a abertura de novas fronteiras petrolíferas e de novas termoeletricas, que só agravarão o aquecimento global, comprometendo a Terra e a humanidade.

FORTALECIMENTO DA DEFESA CIVIL E DOS SISTEMAS DE PREVENÇÃO A DESASTRES!

Para enfrentar novas catástrofes, é preciso criar uma empresa pública, sob controle dos trabalhadores, para a construção de infraestrutura de prevenção a desastres. Precisamos de um plano para enfrentar os eventos climáticos extremos

que seja elaborado e implementado pela população, organizada em Conselhos Populares, em locais de trabalho e moradia, e que tenha o necessário apoio de técnicos e cientistas.

REVOGAÇÃO DE TODOS OS PONTOS DE FLEXIBILIZAÇÃO DA LEGISLAÇÃO AMBIENTAL!

Também é preciso fortalecer os órgãos de fiscalização ambiental do país, realizar novos concursos e intensificar as ações de prevenção a novos incêndios, com brigadistas, em conjunto com as populações indígenas, quilombolas e camponeses tradicionais, que, por séculos, têm utilizado seus saberes ancestrais para impedir o alastramento dos incêndios.

BANCO CENTRAL

Lula tira um banqueiro e bota outro, que promete aumentar os juros

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

No decorrer de todo seu terceiro mandato, Lula e a direção do PT elegeram o atual presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, como “inimigo número 1” de seu governo.

As críticas tinham sua razão de ser. À frente do banco, Campos Neto manteve uma das maiores taxas de juros do mundo, enchendo os bolsos de grandes rentistas (gente que vive de rendas acumuladas em investimentos financeiros, ações da Bolsa, especulação etc.) estrangeiros, sobretudo megamonopólios financeiros, à custa de bilhões do orçamento.

Veja só a malandragem que essa turma de bilionários fazia: tomavam dinheiro emprestado em países cujas taxas de juros eram baixas, como o Japão, e investia em

títulos da dívida pública, aqui no Brasil. Quem pagava a diferença era a gente. Quem embolsava o lucro eram eles. Não foi por menos que a BlackRock, maior fundo financeiro do planeta, elegeu o Brasil, dentre outros países da América Latina, como prioridade. Grana fácil, simples e sem risco.

BILIONÁRIOS CONTINUAM DANDO AS CARTAS

Mas não se engane. Se por um lado, Lula e o PT travavam uma guerra de microfone contra Campos Neto, por outro impunham o Arcabouço Fiscal, cujo objetivo é justamente garantir o pagamento dessa dívida a essa gente para o qual Campos Neto trabalha na prática.

Ficou confuso? O problema é que Lula e Haddad governam para os bilionários, os banqueiros e as grandes multinacionais. Nisso, tem que garantir que todos se deem bem. Ao manter os

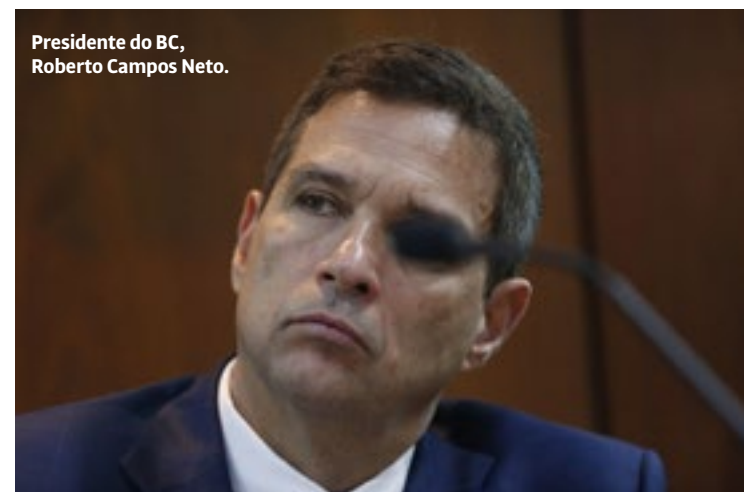
juros na estratosfera, os banqueiros e os investidores internacionais riem à toa, mas outros setores, como o industrial e o varejo, torcem o nariz, porque o crédito fica mais caro.

Por que fica mais caro? Para os bancos é mais lucrativo botar o dinheiro na dívida, que, além de render mais, é seguro, do que emprestar, certo?

SAI O SANTANDER, ENTRA O BANCO FATOR

E ainda tem um problema a mais. Sem crédito, não tem investimento, e a economia sente. Logo, tem uma lógica eleitoral por trás desse embate todo. Não foi por menos que a presidente do PT, Gleysi Hoffmann, disse que Campos Neto era um bolsonarista sabotador. “Eu não posso fazer nada, tenho que esperar ele terminar o mandato e indicar alguém”, disse Lula.

Ao contrário do que Lula disse, haveria, sim, muita coi-



Presidente do BC, Roberto Campos Neto.

Foto: Paulo Pinho/Agência Brasil

sa a se fazer. A autonomia do Banco Central foi aprovada durante o governo Bolsonaro como forma de entregar a instituição diretamente ao mercado financeiro.

Mas a função do BC, por lei, é cumprir a meta de inflação. Quem determina a meta de inflação é o Conselho Monetário Nacional (CMN), cuja maioria é do próprio governo. Ora, bastava aumentar a meta e esvaziar

o argumento para que os juros continuassem altos. Mas nem isso Lula e Haddad fizeram, para não magoar a turma da Faria Lima; ou seja, do centro financeiro de São Paulo.

Pois bem, terminando o mandato de Campos Neto, Lula anunciou o nome de Gabriel Galípolo, ex-diretor do Banco Fator. Sai Campos Neto, o homem do Santander, entra outro banqueiro.

GABRIEL GALÍPOLO

Especialista em privatização e louco para aumentar ainda mais os juros

Quem é Gabriel Galípolo? Apesar de jovem, sua ficha corrida de ataques é razoável. Fez parte do governo de José Serra, em São Paulo, onde, dentre outras coisas, coordenou o setor de concessões e privatizações do governo paulista.

Seus serviços à burguesia lhe proporcionaram o convite para integrar o Banco Fator. E o que fez lá? Ajudou a privatizar, junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Eco-

nômico e Social (BNDES), a Cedae, a companhia de saneamento do Rio de Janeiro, famosa por oferecer água preta à população.

Alguém poderia dizer: “Ok, o cara gosta de privatizar, mas pelo menos, lá no Banco Central, vai baixar os juros”. As recentes declarações dele, porém, vão no sentido contrário. Num evento para investidores, Galípolo defendeu a alta dos juros. “A

alta está na mesa, e a gente quer ver como isso vai se dobrar”, disse.

TROCANDO SEIS POR MEIA DÚZIA

E Lula, que passou os últimos dois anos reclamando de Campos Neto, disse que tudo bem. “Se o Galípolo chegar um dia para mim e disser que tem que aumentar a taxa de juros, ótimo, aumente”, afirmou.

Essa repentina mudança de



posição mostrou que a questão, de fundo, nunca foi Campos Neto. O atual presidente do BC nunca escondeu ser um bolsonarista e já até disse que comporia um eventual governo Tarcísio. Mas a política

econômica do governo Lula tampouco se difere de qualidade disso.

Se Campos Neto sabota o Brasil, em prol do mercado e dos bilionários, a política neoliberal de Lula e Haddad também.

PROGRAMA



Fim da autonomia do Banco Central e suspensão do pagamento da dívida

O governo Lula não moveu uma palha para reverter a independência do Banco Central. Verdade seja dita, antes disso ser aprovado, tanto o BC quanto o próprio governo sempre foram comandados por banqueiros e rentistas. Mas a tal autonomia

é a entrega direta da política monetária aos bancos. É, sobretudo, antidemocrática, porque ninguém elege esses caras.

A cada ponto percentual que decidem subir na taxa de juros, são R\$ 38 bilhões a mais de gastos. Segundo a Auditoria Cidadã

da Dívida, no ano passado foram repassados R\$ 1,8 trilhão aos banqueiros. É uma quantidade até difícil de mensurar, mas basta dizer que são 10 vezes todo o orçamento da Educação em 2024.

É preciso acabar com essa autonomia do BC, suspender o

pagamento da dívida, revogar o Arcabouço Fiscal e investir esses recursos em saúde, educação, emprego, saneamento e moradia. Nessas eleições municipais, quem disser que vai melhorar a situação da cidade sem defender isso, está mentindo.

EMBATE ENTRE ELON MUSK E ALEXANDRE MORAES

A liberdade de expressão entre o poder do capital e o poder do Estado

Elon Musk ataca a soberania do Brasil e, com a desculpa da liberdade de expressão, promove o projeto da ultradireita mundial. Já Alexandre de Moraes não está interessado em defender a democracia e os abusos que comete podem se virar contra os trabalhadores



PABLO BIONDI,
DE SÃO PAULO (SP)

Alexandre de Moraes é o relator dos inquéritos sobre “fake news”, sobre milícias digitais e sobre os atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) tem tomado medidas para, em nome do “Estado democrático de direito”, bloquear diversos perfis em redes sociais, o que tem gerado acusações de censura e cerceamento da liberdade de expressão por parte dos porta-vozes da extrema direita – os mesmos que, curiosamente, são entusiastas da ditadura militar instaurada pela quartelada de 1964, e que durou mais de 20 anos.

O desdobramento mais recente dessa movimentação foi a suspensão da rede X (antigo Twitter), após a sua recusa de apresentar um representante legal em território brasileiro.

OS BASTIDORES DO EMBATE

Como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e ministro do STF, Moraes defende a responsabilização jurídica das chamadas “big techs” (empresas gigantes do ramo da tecnologia de informação), na medida em que as considera coniventes com a circulação de notícias falsas e com a veiculação de discurso de ódio.

Já havia sido assim quando o magistrado determinou o bloqueio do Telegram, em 2022 e 2023. Foi essa orientação que o conduziu ao embate atual com Elon Musk, o qual tem resistido às ordens de bloqueio de perfis na rede X, chegando mesmo a fazer publicações debochadas para expressar sua intenção de não ceder.

A reação de Musk, em face das multas aplicadas por Moraes em razão do descumprimento de suas determinações, foi fechar o escritório da rede X no Brasil.

A jurisdição brasileira, com isso, teria dificuldades para se impor sobre a empresa.

No entanto, a legislação nacional exige que empresas estrangeiras que atuam no país mantenham um representante legal no território. Moraes concedeu a Musk 24 horas para que atendesse a essa exigência, o que não foi feito. Isso levou à recente decisão de suspender as atividades da empresa no país: a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) foi notificada para impedir o acesso dos computadores situados no Brasil à plataforma da X e já encaminhou a ordem para milhares de operadoras.

Como se vê, nenhum dos lados está disposto a ceder. Moraes dobrou a aposta e aprofundou a persecução judicial, chegando a determinar o bloqueio das contas de uma outra empresa de Musk (a Starlink) para garantir o pagamento das multas aplicadas contra a



X. Enquanto isso, o empresário sul-africano, naturalizado estadunidense, declara-se vítima de uma opressão

ditatorial, comunicando, por meio de seus representantes, que não irá cumprir decisões que considera ilegais.

PALADINOS DA LIBERDADE?

Qual partido tomar? Nenhum deles!



O que pensar dessa guerra fratricida entre dois autoproclamados defensores da democracia e da liberdade? Não há senão a velha tensão entre capital e Estado capitalista. Qual partido tomar? Nenhum deles! A classe trabalhadora não pode ser contemplada nem por seus exploradores e nem pelos avalistas da sua exploração. É preciso des-

mascarar esses dois “paladinos da justiça”, senão vejamos.

OS LIMITES DA DEMOCRACIA DO CAPITAL

Enquanto a comunicação social estiver restrita pela propriedade capitalista das plataformas digitais, qualquer discurso de celebração da liberdade de expressão será inevi-

tavelmente falacioso. O poder econômico do capital não é compatível com o pleno desenvolvimento da capacidade de comunicação digital.

Tanto é assim que as tendências contrárias a esse desenvolvimento (este é o caso, por exemplo, da prática de “fake news”) são impulsionadas a partir do poder econômico. Num ambiente privado e mercantilizado, manda quem tem dinheiro suficiente para “viralizar” conteúdos em escala suficiente para impactar a opinião pública.

Cabe a ressalva de que as liberdades democráticas no capitalismo, mesmo sendo formais, são de extrema importância para a classe trabalhadora. Garantias mínimas, ligadas

às possibilidades de veiculação de ideias e de organização da classe, são indispensáveis até mesmo para a luta econômica ordinária. E, por isso, não podem ser negligenciadas.

Por outro lado, também não é correto superestimá-las, imaginando-se que a sociedade burguesa simplesmente deixaria uma avenida aberta para um intercâmbio comunicativo irrestrito. A própria ordem de mercado, a despeito das disposições legais e constitucionais oficializadas pelo Estado, contém inúmeras restrições de natureza econômica ao que seria um processo verdadeiramente participativo de formação da chamada opinião pública.

LIBERDADE PARA LUCRAR E OPRIMIR

O caso do X nos parece exemplar: toda uma mídia social encontra-se sujeita aos caprichos de um bilionário disposto a estabelecer um espaço privado, sujeito às suas próprias regras de moderação de conteúdo, o que abre possibilidade para uma espécie de paraíso da desinformação e do assédio virtual.

E é claro que Musk, ao desembolsar US\$ 43 bilhões para integrar a rede social ao seu patrimônio privado, quer reinar soberanamente sobre esse território, não admitindo nenhum tipo de ingerência estatal. Nesse território, nenhum discurso deveria ser limitado por um poder externo.

A liberdade absoluta para proferir qualquer juízo político (inclusive discursos de ódio contra grupos oprimidos) anseia por espelhar a liberdade do capital para realizar seus fins econômicos do mercado, até mesmo porque o livre exercício da opinião (sobretudo quando a opinião gera engajamento nas redes) nas plataformas digitais nada mais é do que um negócio.

A própria extrema direita é, num primeiro momento, apenas um veio lucrativo imediato para Musk, pois o capital não tem nenhuma ideologia definitiva, nenhuma crença absoluta. Qualquer verborragia política, à esquerda ou à direita, pode ser útil se implicar lucratividade.

De todo modo, é preciso reconhecer que, ao menos por enquanto, o dono da X e de tantas outras empresas têm demonstrado um alinhamento consistente com a extrema direita, atuando como um catalisador de movimentos com esse perfil em diversas partes do mundo.

MUSK E SEUS DITADORES DE ESTIMAÇÃO

Assim sendo, as motivações declaradas de Musk em seu enfrentamento são risíveis. O que está em causa para o empresário não é a liberdade de expressão e, sim, a liberdade de comércio e a livre fruição da propriedade privada por parte do capital.

Não é por acaso que o bilionário silencia sobre as práticas de censura e repressão em países como China e Arábia Saudita: suas parcerias comerciais, quem diria, importam mais do que as demandas democráticas para o campeão da liberdade de expressão. Aliás, a própria compra do Twitter contou com apoio de investimentos sauditas na operação.

AMEAÇA À SOBERANIA

Vale acrescentar que essa livre condução empresarial das redes sociais, tal como exigida por Musk, é qualificada pelo caráter imperialista que o

capital estadunidense assume em face de países periféricos, como o Brasil.

Tem-se uma situação peculiar, na qual uma multinacional sediada nos EUA, respaldada por recados da Embaixada da sua nação de origem, pretende se colocar acima da lei e da jurisdição de uma semicolônia, desdenhando abertamente da sua pretensão de soberania nacional.

Mas também não se pode ignorar que o governo brasileiro, em consonância com a subserviência internacional da própria burguesia brasileira, contribui para a sua própria subalternidade.

Percebe-se o quão constrangedora é a situação quando a Starlink, empresa de Musk afetada na contenda em torno da X, é revelada como fornecedora de serviços vitais para o Exército e a Marinha do Brasil. Desse modo, a escalada da litigiosidade, caso conduza à suspensão ou saída da Star-



link, pode prejudicar o funcionamento de atividades técnicas vitais das Forças Armadas.

Isso torna ridícula a tese de que Moraes e Lula seriam diques de contenção do domínio imperialista sobre o Brasil, já que tal domínio está instaurado por toda parte, inclusive no gerenciamento da tecnologia militar.

Fica evidente a necessidade de ruptura com o imperialismo e a expropriação das multinacionais aqui instaladas, para garantia de soberania de fato. Este passo nem Moraes nem Lula estão dispostos a dar. Afinal, através de seus respectivos papéis no Estado, são responsáveis pela manutenção das condições de exploração das multinacionais imperialistas no país.

ALEXANDRE DE MORAES



A hipocrisia de um burguês fanfarrão não deve nos causar simpatia pelo outro lado da trincheira. Alexandre de Moraes foi a figura institucional

Um chefe de polícia togado

mais contundente na resposta do regime à intentona golpista do bolsonarismo, mas nos enganemos: o ministro é um “chefe de polícia togado”, que alcançou o posto máximo da jurisdição brasileira em virtude dos seus laços estreitos com o sistema político.

Foi secretário da Segurança Pública do governo Alckmin, em São Paulo (2015), e ministro da Justiça e da Segurança Pública do governo Temer (2016). Toda a sua habilidade de perseguição

penal foi desenvolvida no gerenciamento do aparato repressivo do Estado, junto a grandes nomes da política nacional.

Nesse sentido, Moraes é parte de uma reação conservadora, que vê na extrema direita um indesejável elemento de perturbação da ordem política. Moraes entende que a efetivação de um programa burguês de privatizações e de reformas neoliberais, tal como se deu nos governos que integrou ao longo de sua carreira política, só pode

ser levada a cabo com eficiência dentro das relações partidárias normais que se estabelecem nos parlamentos.

NÃO PODEMOS TERCEIRIZAR O COMBATE AO BOLSONARISMO

Nessa ordem de considerações, a classe trabalhadora não deve, de nenhum modo, acomodar-se com uma posição na qual sua defesa contra o autoritarismo da extrema direita é confiada à cúpula do Judiciário e, em

particular, ao seu quadro mais habilidoso no que concerne o exercício das funções repressivas do Estado.

Essa “terceirização” do papel de combate ao bolsonarismo desarma o proletariado, tornando-o vulnerável à força institucional que o tutela. Os trabalhadores têm necessidade de se apoiar na sua própria força social, na sua capacidade de organização, o que vale tanto para a autodefesa como para a educação política mais geral.

LIMITES

Capitalismo não pode garantir a plena liberdade de expressão

O que verificamos no confronto entre Elon Musk e Alexandre de Moraes é a histórica tensão entre o apetite desmedido do capital, que quer tudo para si, independentemente das consequências sociais e institucionais das suas ações (“livre iniciativa de mercado”), e a cautela asseguradora do Estado, que impõe limites mais ou menos moderados ao capital, no interesse do próprio capitalismo e do regime “democrático” que o mantém.

De um lado, temos o burguês que sonha com a ausência de restrições para as redes sociais enquanto negócio, pretendendo afrouxar ao máximo as amarras institucionais; de outro, temos o magistrado policialesco, que quer reforçar essas amarras, que vê no jogo desregulamentado do mercado da comunicação um fator de instabilidade política e de desordem (deixe-se a política para os “profissionais”, não para os amadores).

NO CAPITALISMO NUNCA HAVERÁ LIBERDADE DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

No que diz respeito à classe trabalhadora, nenhum desses lados merece apoio. A livre comunicação na sociedade não é plenamente possível no capitalismo.

O poder do capital reduz essa comunicação a um negócio a ser regido pelos grandes proprietários, algo que se mostra muito mais grave em se tratando do capital imperialista, que repousa num monopólio

mundial que ultrapassa e despreza a soberania nacional; o poder do Estado, por sua vez, a regulamentação para prover estabilidade geral para a ordem social capitalista.

Assim, Estado e capital nem sempre estão de acordo em tudo, mas se nutrem da mesma forma de sociedade, das mesmas relações de produção, e, por isso mesmo, se encontram unificados em última instância, plenamente alinhados naquilo que é mais fundamental.

Eis porque nem a interferência judicial e nem a propriedade privada da rede podem garantir a liberdade de expressão plena. Somente uma revolução proletária, ao superar a democracia burguesa e o modo capitalista de produção, pode abrir caminho para formas de intercâmbio comunicativo que sejam regulamentadas exclusivamente pela libertação dos trabalhadores, a partir dos seus próprios órgãos de poder.

PALESTINA LIVRE

Greve geral amplia a crise israelense

FABIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)

No domingo, dia 1º de setembro, a central sindical sionista Histadrut, que representa 800 mil trabalhadores, convocou uma greve geral para o dia seguinte.

A greve geral paralisou vários setores de transportes, educação, hospitais, bancos e serviços públicos. No entanto, o poder judiciário determinou o fim da greve, o que foi acatado pelos dirigentes sindicais, que, além de sionistas, são pelegos.

A greve foi antecedida por uma grande mobilização, que reuniu entre 500 e 700 mil manifestantes no dia anterior. Mas a greve e a mobilização de domingo não tinham como reivindicação o fim do genocídio de palestinos em Gaza. Nem o fim das ações genocidas das forças israelenses e dos colonos sionistas na Cisjordânia. Nem o fim dos ataques militares ao Líbano.

A questão principal girava

em torno dos israelenses detidos pela resistência palestina em Gaza. No sábado, dia 31 de agosto, o exército israelense recuperou os corpos de seis presos israelenses, que morreram há 2 ou 3 dias, em meio à ofensiva israelense em Gaza. O governo israelense afirma que o Hamas executou os seis presos. O Hamas afirma que foi a ofensiva militar israelense a responsável pelas mortes.

AUMENTA O APOIO AO CESSAR-FOGO

O fato é que estas mortes modificaram a opinião pública judia israelense. Até então, a maioria dos israelenses judeus apoiavam os ataques genocidas em Gaza, na Cisjordânia e no Líbano. Ao mesmo tempo, exigiam a libertação dos presos israelenses detidos em Gaza.

Após a recuperação dos corpos dos seis israelenses, a população judia israelense entendeu que a continuidade do genocídio em Gaza implica na morte de cerca de 100 presos israelenses.

Além disso, a maioria também concluiu que o impopular primeiro ministro Binyamin Netanyahu quer manter o genocídio para se manter no poder, desprezando o desejo das famílias dos presos, que querem tê-los de volta vivos.

As pesquisas de opinião apontam que 53% dos israelenses apoiam o cessar-fogo e a troca de prisioneiros, com a retirada das tropas de toda a faixa de Gaza.

É claro que esse apoio da metade dos israelenses ao cessar-fogo em Gaza não implica no fim da ofensiva genocida contra os palestinos na Cisjordânia, nem exclui uma ampla ofensiva militar contra o Líbano, muito menos o fim do apartheid e da limpeza étnica que já dura 76 anos.

NETANYAHU CONTRA O CESSAR-FOGO

No mesmo dia da greve geral, Netanyahu foi a público para se opor ao acordo de cessar-fogo votado pelo Conselho de Segurança da Organização



Greve Geral realizada em Israel

das Nações Unidas (ONU), há três meses. O acordo, apresentado pelos Estados Unidos e votado pelo Conselho de Segurança, prevê a troca de prisioneiros e a retirada total das tropas israelenses de Gaza, em três fases, de seis semanas cada.

Netanyahu quer manter tropas israelenses em pelo menos duas áreas de Gaza: os corre-

dores Filadélfia e Netzarim, abrindo espaço para a expulsão de palestinos e a implantação de colônias sionistas em Gaza.

O verdadeiro objetivo de Netanyahu é ampliar a colonização das terras palestinas, em Gaza e na Cisjordânia, para reconquistar a sua base de apoio entre a população judia israelense, que oscila entre 22% a 33%, e salvar o seu desprestigiado governo.

PROMESSAS VAZIAS

Hezbollah e Irã abandonam a resistência palestina



Líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei

está promovendo uma solidariedade ativa são os Iemenitas Houthis, que bloquearam a navegação no Mar Vermelho, em apoio aos palestinos.

Frente aos assassinatos do dirigente do Hezbollah, Fuad Shukur, em Beirute, e do dirigente palestino Ismail Hanieh, em Teerã, no final de julho, tanto Nasrallah como Khamenei prometeram uma resposta contundente aos crimes sionistas.

No entanto, em 13 de agosto, oficiais iranianos afirmaram que aguardariam as negociações de cessar-fogo em Gaza, podendo, inclusive, reduzir o alcance da retaliação, caso Israel aceite o cessar-fogo.

No dia 27 de agosto, o Ayatollah Khamenei declarou, em

reunião com o governo recém empossado do presidente Masoud Pezeshkian, que o Irã deve estar aberto para negociar um novo acordo nuclear com o imperialismo estadunidense em troca do fim das sanções.

Já na fronteira Norte, cem aviões israelenses atacaram 400 alvos no Sul do Líbano, na madrugada do dia 25 de agosto. Em seguida, o Hezbollah lançou vários mísseis e drones contra o Norte da Palestina, área ocupada em 1948.

Após esses intensos ataques mútuos, tanto os sionistas como os líderes do Hezbollah afirmaram que atingiram seus objetivos e, desde então, os ataques mútuos retornaram para a baixa intensidade.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Resistência palestina ativa



Houthi do Yemem continuam a atacando Israel em apoio a resistência palestina

Em Gaza, a resistência palestina realiza ataques, auto-defesa e sabotagens contra as tropas israelenses, à medida de suas possibilidades, em uma situação de ampla desigualdade militar, mas provo-

cando baixas nas tropas sionistas e, também, incidindo no alto custo econômico da guerra, que já atinge cerca de US\$ 68 bilhões, segundo o Ministro de Finanças sionista Belazel Smotrich.

Na Cisjordânia, as forças Israelenses iniciaram uma série de ataques genocidas em larga escala, contra as cidades e campos de refugiados palestinos em Jenin, Tulkarm, Tubas e Nablus, no dia 28 de agosto.

JUVENTUDE EM HEROICOS ATOS DE AUTODEFESA

A juventude palestina está recorrendo à autodefesa, com algum armamento retirado das forças policiais palestinas ou comprado de contrabandistas israelenses. Ao contrário da narrativa

sionista, de que são grupos armados do Hamas e da Jihad Islâmica, a maioria desses jovens desata as suas organizações e passa para a autodefesa. Vários casos comprovam isto, como o de Mohannad al-Asood, ex-integrante do Fatah e da polícia palestina,

ou dos jovens Wael Mishah e Tariq Daoud, de Nablus.

É necessário retomar as mobilizações de solidariedade à Palestina em todo o mundo, em particular na Europa e nos Estados Unidos, com o fim das férias de verão.



SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Por que o proletariado israelense não é aliado da causa palestina?

Em todo o mundo, a classe trabalhadora e a juventude impulsionam mobilizações de solidariedade com a Palestina. No entanto, não há mobilizações pelo fim do genocídio em Gaza, por parte do proletariado israelense judeu.

Isto não ocorre por desconhecimento. Todo israelense é consciente da situação de genocídio em Gaza, das ações sionistas criminosas na Cisjordânia, dos ataques militares ao Líbano e da situação de apartheid e limpeza étnica imposta aos palestinos há 76 anos.

Mas, a ampla maioria do proletariado israelense apoia estes crimes sob a falsa narrativa de “direito de defesa de Israel” e de “combate ao terrorismo”. Por que ocorre essa desumanização?

COLONIZAÇÃO E PRIVILÉGIOS

O proletariado israelense judeu tem privilégios econômicos e políticos em relação ao proletariado palestino, desde o início da colonização sionista, há mais de cem anos. Ou seja, a colonização sionista transformou o proletariado judeu em agentes e beneficiários do rou-

bo de terras, casas e empregos do povo palestino.

É claro que existe luta de classes entre a burguesia e o proletariado israelenses. Mas estes conflitos estão subordinados à manutenção da ordem colonial, contra os palestinos.

Por isso, é impossível uma aliança entre os proletariados ju-



Ataques a Gaza pelo exército de Israel, pode ter um acordo de cessar fogo, segundo secretário de estado dos EUA, Antony Blinken.

deu e palestino, pelo fim do genocídio e pela libertação da Palestina. Há, na Palestina ocupada, um pequeno número de judeus antissionistas. Estes são verdadeiros aliados do povo palestino.

EXEMPLO NA HISTÓRIA

Essa é a mesma situação colonial que ocorreu na Argélia, no Norte da África. O proletariado “pied-noir” (literalmente, em francês, “pé negro”, em referências aos europeus que viviam nas colônias africanas) de origem francesa era, junto com o exército francês, os sustentáculos da em-

preitada colonialista. Foi necessária uma guerra do proletariado e do campesinato argelino para expulsar os colonizadores franceses.

Para conquistar a Palestina livre, do rio ao mar, é necessário pôr fim ao Estado de Israel. Desta forma, o povo palestino poderá decidir o seu destino em liberdade. E poderão viver na Palestina aqueles e aquelas que aceitarem viver em paz com os palestinos, como era a Palestina antes da colonização sionista, quando as crianças muçulmanas, cristãs e judias brincavam juntas, sem rótulos.

“O PROLETARIADO ISRAELENSE JUDEU TEM PRIVILÉGIOS ECONÔMICOS E POLÍTICOS EM RELAÇÃO AO PROLETARIADO PALESTINO, DESDE O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO SIONISTA. OU SEJA, A COLONIZAÇÃO SIONISTA TRANSFORMOU O PROLETARIADO JUDEU EM AGENTES E BENEFICIÁRIOS DO ROUBO DE TERRAS DO POVO PALESTINO.”

SAIBA MAIS

O debate na Quarta Internacional sobre o proletariado judeu

Os primeiros militantes revolucionários na Palestina se depararam com a questão do proletariado judeu, originário da colonização sionista. A primeira organização trotskista palestina foi a Liga Comunista Revolucionária (LCR), liderada por Tony Cliff (cujo nome de nascimento era Yigael Gluckstein), e formada na década de 1930.

A orientação política da LCR consistia, nas palavras de Tony Cliff, no seguinte: “os trabalhadores árabes deveriam combater o sionismo e o imperialismo, e romper com os líderes árabes reacionários. E os trabalhadores judeus deveriam se unir às massas árabes nessa luta”.

A LCR não tinha qualquer ilusão na colonização sionista.

Ao contrário, se opunha à imigração judia para a Palestina, pois esta imigração colocava os refugiados judeus europeus a serviço da máquina de colonização sionista e contra a população palestina. Defendiam, também, a abertura das fronteiras do Reino Unido e dos Estados Unidos para a imigração judia, destinos preferidos pelos refugiados judeus, em alternativa à Palestina.

Por experiência própria, eles conheciam as organizações sionistas de “esquerda” e os “kibutz” (fazendas coletivas para colonos judeus) e sabiam que não representavam nenhum tipo de “experimento socialista”. Ao contrário, eram a ponta de lança para a colonização das terras

árabes e para a expulsão da população palestina.

Coerentes com essa posição, a LCR se opôs à Partilha da Palestina, em 1947, e à formação do Estado de Israel, em 1948. Isso ao contrário do Partido Comunista, que, seguindo a posição de Stálin, apoiou a partilha e a Nakba.

INCOMPREENSÃO DA OPRESSÃO COLONIALISTA

Mas a LCR tinha uma avaliação equivocada sobre o papel das classes sociais na luta pela libertação da Palestina e de todo o Leste árabe. Eles defendiam uma aliança entre a classe trabalhadora palestina e a classe trabalhadora judia para enfrentar o imperialismo, o sionismo e as elites árabes reacionárias. Mas, essa aliança era impossível devido ao caráter colonialista excludente da empreitada sionista.

O próprio Tony Cliff reco-

nheceu esta questão em sua biografia: “É claro que havia conflito de classes dentro da comunidade judaica na Palestina. Os trabalhadores e os capitalistas lutaram em torno dos salários e das condições. Mas a expansão colonial sionista embotou a luta de classes e impediu-a de assumir a forma política de oposição ao sionismo e ao imperialismo, e de solidariedade com os árabes explorados e oprimidos.”

Ao não entender a opressão nacional e todas as suas consequências sobre a luta de classes, e ao estar implantados principalmente na classe trabalhadora judia, a LCR teve muitas dificuldades para se desenvolver. Apesar de publicar uma revista em árabe e outra em hebraico, além de panfletos em inglês, para as tropas britânicas, a LCR contava com quase 30 militantes, em 1946, dos quais apenas sete árabes.



84 ANOS DO SEU ASSASSINATO

Trotsky e a paixão revolucionária pela Arte e a Cultura


WILSON HONÓRIO DA SILVA
DA REDAÇÃO

Em 21 de agosto, celebramos a trajetória e o legado de León Trotsky, 84 anos após seu assassinato. Vida e obra que têm como síntese a luta sem tréguas contra a sociedade capitalista, pelo resgate da verdadeira tradição marxista, a defesa do caráter global e permanente da Revolução e, consequentemente, o combate ao stalinismo.

Foi sob esta mesma ótica, e em base à compreensão de que o marxismo pode e deve dar

resposta a todos os aspectos da experiência humana, que Trotsky também discutiu temas dos mais variados, como atestam, por exemplo, os escritos “Questões do modo de vida” (de 1923, debatendo a “reconstrução” da Cultura na sociedade socialista), além de vários textos sobre o racismo, decorrentes de debates com ativistas e grupos negros sul-africanos, norte-americanos e caribenhos.

Em 1938, exilado no México e hospedado na casa de Frida Kahlo e Diego Rivera, Trotsky dedicou parte de seu tempo para sintetizar suas concepções


Diego Rivera, Trotsky e André Breton

e preocupações sobre uma de suas maiores paixões: a Arte.

E, como sempre, não se limitou à análise teórica, tendo como objetivo uma intervenção concreta na realidade,

através do lançamento de um manifesto, assinado juntamente com o surrealista francês André Breton, que serviu como base para a construção da Federação Internacional

da Arte Revolucionária Independente (FIARI) que, na época, aqui no Brasil, ganhou o apoio de gente como Patrícia Galvão (a Pagu), Oswald de Andrade e Mário Pedrosa.

NENHUMA COAÇÃO

‘A independência da arte, para a revolução. A revolução, para a liberação definitiva da arte’

Essa frase, que fecha o Manifesto, sintetiza seu profundo significado, já que ele é tanto uma resposta às mediócras e repressivas concepções artísticas impostas pelo stalinismo a partir dos anos 1930 – apresentadas sob o rótulo de “realismo socialista” e definidas por Trotsky como a “expressão mais crua da profunda decadência da revolução proletária” – como um ponto de reflexão e instrumento de luta contra as constantes tentativas, por parte do capitalismo, de manipular, cercear, mercantilizar ou colocar a Arte e a Cultura a serviço das ideologias que, a serviço da superexploração, propagam preconceitos e distintas formas de opressão.

Por isso, também, uma de suas frases mais conhecidas é “toda licença à Arte”, síntese

da ideia de que “em matéria de criação artística, importa essencialmente que a imaginação escape a qualquer coação, não se deixe sob nenhum pretexto impor qualquer figurino (...) nenhuma autoridade, nenhuma coação, nem o menor traço de comando!”, diz o Manifesto.

E, para que não reste dúvidas, o texto ainda ressalta qual deve ser a postura dos marxistas revolucionários numa sociedade socialista: “Se, para o desenvolvimento das forças produtivas materiais, cabe à revolução erigir um regime socialista de plano centralizado, para a criação intelectual ela deve, já desde o começo, estabelecer e assegurar um regime anarquista de liberdade individual”.

Isso obviamente não sig-

nifica que Trotsky defenda o “indiferentismo político” por parte dos artistas; ou, pior, a transformação do fazer artístico (ou a reflexão sobre ele) no exercício de egoísmo individualista, mesquinho e auto-centrado que tem caracterizado a produção pós-moderna que, em muito sentidos, ecoa a visão de mundo neoliberal, principalmente naquilo em que ela tem de mercadológica e de oposição do “eu” às necessidades e desejos coletivos.

Pelo contrário, o texto defende a mais plena liberdade artística para que o “eu” do artista se encontre com os anseios de seu povo, lembrando que “o artista só pode servir à luta emancipadora quando está compenetrado de forma subjetiva de seu conteúdo social e individual, quando faz passar por seus nervos o sentido e o drama dessa luta e quando procura livremente dar uma encarnação artística a seu mundo interior”.

‘NÃO SÓ O DIREITO AO PÃO, MAS TAMBÉM À POESIA’

Na trajetória de Trotsky, o “Manifesto da FIARI” é o ponto alto de uma produção que também inclui a coletânea de artigos “Literatura e Revolução” (1924), na qual ele discute temas como

arte e cultura proletárias, o Futurismo e outras vanguardas artísticas da década de 1920, além do papel do partido revolucionário diante do tema.

Posteriormente, o livro ganhou dois anexos. O primeiro tem a ver com o intertítulo acima, cuja íntegra – “Ela virá, a revolução, e trará ao povo não só o direito ao pão, mas também à poesia” – foi escrito, em janeiro de 1926, num texto em homenagem ao poeta Sergei Essenin, que se suicidou em 27 de dezembro do anterior. O outro é uma homenagem a Maiakóvski, também vítima de suicídio, em 1930, depois de ser tachado de “inconcebível, incompreensível”, por um congresso de escritores já sob os desmandos censores e criminosos do stalinismo.

Em comum, todos estes textos carregam ensinamentos de Marx, Engels e Lênin que, apesar de não terem dedicado uma obra especificamente ao tema, deixaram importantes contribuições sobre Estética

(ou seja, a “ciência da percepção” ou “filosofia da Arte”) e dedicaram escritos a artistas tão distintos quanto os da Antiga Grécia, do Renascimento, Shakespeare, Maximo Gorki e Fiódor Dostoiévski.

Escritos que, assim como os de Trotsky, partem do princípio de que tudo aquilo que tem a ver com a subjetividade humana, seu potencial intelectual e criativo e sua sensibilidade é parte fundamental daquilo que Marx chamou de “homem total”; ou seja, o ser humano dotado de todas suas capacidades e potencialidades, algo que só pode ser concretizado quando este mesmo ser humano tem o controle sobre os aspectos objetivos da realidade.

Por isso, inclusive, essa “totalidade” só poderá ser experienciada através da revolução, quando “a arte se fundirá com a vida, quando a vida enriquecerá em proporções tais que se modelará, inteiramente, na arte”, como defendeu em “Literatura e Revolução”.


Trotsky retratado em mural de Diego Rivera

SAIBA MAIS

- ♦ Literatura e Revolução (Leon Trotsky, 1926)
- ♦ León Trotsky: Paixão Segundo a Revolução (Paulo Leminski, 1986)
- ♦ Breton e Trotsky: Por uma arte revolucionária e Independente (Valentim Facioli, 1985).